

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
COORDENAÇÃO CENTRAL DE EXTENSÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Com Freud e Lacan, um percurso sobre a transferência

Nathalia Barbosa Valença Lacerda

Prof (a). Glória Sadala



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



NATHALIA BARBOSA VALENÇA LACERDA

COM FREUD E LACAN, UM PERCURSO SOBRE A TRANSFERÊNCIA

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio como requisito para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof (a). GLÓRIA SADALA

Rio de Janeiro

30 de Julho de 2011

DEDICATÓRIA

Primeiramente agradeço aos meus pais por todo amor e apoio que a mim dedicaram tornando possível esta realização. À professora e orientadora Glória Sadala, pelo incentivo e presteza no auxílio às atividades e discussões sobre o andamento desta monografia de conclusão de curso. Aos meus colegas de turma, pela espontaneidade e alegria na troca de informações e materiais numa rara demonstração de amizade e solidariedade, que me acompanharam do princípio ao fim desta jornada.

Resumo:

Este trabalho monográfico consiste na tentativa de melhor compreender o conceito de transferência, segundo a teoria psicanalítica, visto a importância deste fenômeno na experiência de análise. A construção freudiana aponta para a importância de sabermos sobre o manejo da transferência e que deste depende à sucessivas associações dialéticas que possibilitam o reconhecimento da verdade do sujeito. Assim sendo, temos: transferência como resistência, como repetição, como sedução e como neurose de transferência. Lacan com o conceito de Sujeito suposto Saber dentro de uma abordagem simbólica procura desestabilizar os aspectos imaginários da transferência.

Palavras chaves: Transferência e Resistência.

Abstract:

This monograph is an attempt to better understand the concept of transference, according to psychoanalytic theory, given the importance of this phenomenon in the experience of analysis. Construction Freud points to the importance of knowing about the management of transfer and that this depends on the dialectical successive associations that enable the recognition of the truth of the subject. Thus we have: transference as resistance, such as repetition, such as seduction and transference neurosis. Lacan's concept of the subject supposed to know within a symbolic approach seeks to destabilize the imaginary of the transfer.

Key words: Transference and Resistance

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. PERCURSO DA TRANSFERÊNCIA EM FREUD.....	2
1.1. TRANSFERÊNCIA NOS PRIMEIROS TEMPOS	2
1.2. O CONCEITO DE TRANSFERENCIA NA DINÂMICA DA TRANSFERENCIA	4
1.3. O CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA EM RECORDAR REPETIR E ELABORAR	7
1.4. O CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA EM OBSERVAÇÕES SOBRE O AMOR TRANFERENCIAL	9
2. CONCEITO DE TRANSFERENCIA EM LACAN.....	13
2.1. CONCEITO DE AGALMA.....	15
2.2. A DIALÉTICA DO AMANTE E DO AMADO.....	17
2.3. ALCEBÍADES E SÓCRATES	20
2.4. SUJEITO SUPOSTO SABER	23
CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico foi realizado através de uma revisão na literatura psicanalítica, principalmente baseado nos textos de Freud e Lacan.

Essa investigação teve início a partir de nosso interesse acerca das questões da transferência, sua importância e suas implicações na experiência analítica. Além disso, o interessante é que o conceito de transferência não pertence, exclusivamente, ao vocabulário da psicanálise, mas é utilizado em diversos campos, e possui, de fato, um sentido muito geral, implicando, sempre, uma idéia de transporte, de deslocamento de valores, de direitos, sem que essa operação afete a integridade do objeto.

A transferência ocorre nas relações humanas, por exemplo, nas relações entre aluno e professor, paciente e médico, etc. Mas Freud se utilizou deste termo para designar um fenômeno constitutivo do tratamento analítico, mediante o qual os desejos inconscientes, do analisando, relacionados a objetos externos, possam se repetir no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista.

A trajetória deste conceito na obra de Sigmund Freud, aponta para a importância de sabermos sobre o manejo da transferência e que deste depende à sucessivas associações dialéticas que possibilitam a verdade do sujeito.

No primeiro capítulo será abordado, a trajetória da transferência na obra de Freud, e seus diversos tipos: transferência como deslocamento, como repetição, como resistência e como sedução. Iremos distinguir, ainda, a transferência positiva da transferência negativa e pontuaremos o surgimento da neurose de transferência no processo analítico, como sendo uma região intermediária entre a vida real e a doença, onde se dá novos significados aos sintomas do paciente, possibilitando desta forma, a elaboração.

No segundo capítulo o conceito de transferência será articulado com base nos textos de Jacques Lacan, que foi sem dúvida, aquele que mais compreendeu o que Freud propôs, e avançou seus limites, trazendo o conceito de Sujeito suposto Saber, dentro de uma abordagem simbólica. Lacan vai a filosofia, ao texto de Platão, O Banquet e utiliza-se do conceito de agalma, que quer dizer objeto de desejo, objeto a, a mola da experiência analítica.

1. PERCURSO DA TRANSFERÊNCIA EM FREUD

1.1. TRANSFERÊNCIA NOS PRIMEIROS TEMPOS

A trajetória do conceito de transferência em Freud aponta para a importância do fenômeno e do manejo da transferência como único instrumento e componente essencial do trabalho da psicanálise.

A transferência é um fenômeno que se articula no tempo próprio do tratamento, mas não é espontâneo, é fruto do trabalho do psicanalista.

Freud destaca em seus textos inicialmente transferência como deslocamento, posteriormente nos textos de 1912, 1914 e 1915 aparecem transferência como resistência, transferência como repetição, transferência como sedução e ainda aponta a neurose de transferência.

No “Projeto para uma psicologia científica (1985)”, Freud descreve que o aparelho psíquico funciona fazendo circular ou inibindo um “quantum” (Q), uma quantidade de energia. Essas quantidades de energias circulam pelos traços mnêmicos, isso é, catexizam, investem, no sentido de perseguir a imagem mnêmica de uma situação de experiência de satisfação perdida, onde então o conceito de transferência aparecerá como sinônimo de deslocamento da catexia, equivalente ao que, anos mais tarde, Freud articula na “Interpretação dos Sonhos (1900)”.

Freud articula, o conceito de transferência na “Interpretação dos Sonhos” nos mesmos termos: O desejo inconsciente transfere suas intensidades (catexias) para o resto diurno para poder fazer-se reconhecer, para realizar-se no sonho, trata-se também da transferência como deslocamento, como ação de um disfarce do desejo inconsciente.

Neste primeiro tempo da transferência, o desejo se mascara com sua catexia apoderando-se de formas errantes que foram despojadas de significação. Pode-se dizer, então, que essa primeira forma de transferência remete-se enquanto deslocamento ao processo geral de formações inconscientes (chistes, atos falhos, sonhos, etc.).

É no Caso Dora (Fragmentos de um caso de histeria (1905 [1901]), a primeira grande abordagem no qual Freud se dá conta da importância da transferência para o trabalho de análise. Este caso ensina Freud o significado da transferência, que em sentido psicanalítico se produz quando o investimento do desejo inconsciente do analisando se fixa a um elemento, que em particular, é do analista; aquele que atrai as cargas libidinais do recalque.

Surge no caso Dora, a questão sobre contratransferência, definida como a soma dos preconceitos, impedimentos, paixões e falta de informação do psicanalista em determinado momento do processo analítico, que talvez tenha impedido Freud a desempenhar uma melhor intervenção com esta paciente.

1.2. O CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA NA DINÂMICA DA TRANSFERÊNCIA

No artigo “A Dinâmica da Transferência (1912)”, Freud tenta pela primeira vez sistematizar o conceito de transferência. À primeira vista, a transferência é o fator mais essencial para o sucesso de uma análise, no entanto, ela surge como a resistência mais poderosa ao tratamento. Temos aí um enigma a ser desvelado.

A propósito da transferência como resistência Freud diz:

“(…) se as associações de um paciente faltam, a interrupção pode invariavelmente ser removida pela garantia de que ele está sendo dominado, momentaneamente, por uma associação relacionada com o próprio médico ou com algo a este vinculado.”

Quando a transferência se instala, o analista se apaga e a associação livre acontece. No entanto, quando ocorre a resistência, há o fechamento do inconsciente, cessa a associação e o analista se presentifica.

A transferência aparece na psicanálise como resistência porque parte da libido que é capaz de se tornar consciente e se acha voltada para a realidade, é diminuída, e a parte da libido inconsciente é proporcionalmente aumentada. Desta forma, a libido entra num curso regressivo e revive as imagos infantis do sujeito.

Sabemos que parte desses impulsos que determinam o curso da vida erótica, passou por todo o processo de desenvolvimento psíquico. Esta parte está dirigida para a realidade e acha-se à disposição da consciência. A outra parte dos impulsos pulsionais, retida no curso do desenvolvimento da libido, foi mantida afastada da realidade e da consciência e, ou, foi impedida de expansão ulterior, exceto pela fantasia ou permaneceu totalmente inconsciente.

Assim, a catexia de alguém que se acha parcialmente insatisfeito, uma catexia que se ache pronta por antecipação recorrerá a protótipos, ligar-se-á a um dos clichês estereotípicos que se ache presente no sujeito. Isso se dará, não apenas em sua vida normal, mas também em sua análise. O analisando irá incluir o

analista em uma de suas séries psíquicas, em sua cadeia de significantes. Algum protótipo específico do analisando será transferido para o analista, alguma imagem parental – que pode ser materna, paterna ou fraterna.

A libido à disposição da consciência esteve sempre sob a influência da atração dos complexos inconscientes, e como a atração da realidade diminui, entra-se num curso regressivo. A atração do inconsciente tem que ser superada, ou seja, o recalque das pulsões inconscientes tem de ser removidas, a fim de liberar a pulsão para a consciência. Isto é responsável pela maior parte das resistências.

Quando algum complexo patogênico serve para ser transferido para a figura do psicanalista, é o momento em que a transferência é realizada. Ela tanto produz a associação seguinte, quanto se anuncia por sinais de resistência – como, por exemplo, uma interrupção. A parte do complexo patogênico (a idéia recalçada) é empurrada primeiramente para a consciência e é defendida com a maior obstinação.

Para se ter uma melhor compreensão da transferência como resistência, Freud ressalta a distinção de uma transferência positiva de uma negativa.

A transferência positiva consiste na transferência dos impulsos eróticos recalçados – favorece a associação livre – e que pode ser dividido em transferência amável, que são admissíveis à consciência e que convém apoiar (transferência de sentimentos amistosos e afetuosos); e a transferência erótica que é preciso proscriver, evitar – o sujeito para de associar e seduz o analista.

Já a transferência negativa é vinculada ao ódio e pode coexistir com a transferência positiva, aparecendo ambas dirigidas ao mesmo objeto.

Assim, a transferência que favorece a resistência ao tratamento analítico é apenas transferência negativa ou a transferência positiva de impulsos eróticos recalçados.

A transferência negativa e erótica pode ser removida permitindo-se a continuidade ou a instalação da transferência positiva ou amável. Se a análise provoca no analisando emoções, surgimento de sentimentos diversos, tal ocorre pela evocação de situações presentes ou passadas induzidas pela associação livre.

Tais emoções fazem parte da repetição inerente à conduta dos neuróticos. Tanto o amor quanto o ódio na transferência se deve à presença do analista e a função que ele ocupa no tratamento. O amor pode ceder lugar ao ódio (transferência negativa); porém isto não significa a quebra da transferência ainda que seu manejo seja difícil.

Para Lacan, amor e ódio são efeitos da transferência, são respostas provocadas, são as paixões do ser. E para ele, o que Freud chama de transferência positiva e negativa, será chamada de suposição de saber e a dessuposição de saber no analista, respectivamente. Portanto, amor e ódio são duas facetas de uma mesma moeda.

1.3. O CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA EM RECORDAR REPETIR E ELABORAR

O paciente, primeiramente, não recorda daquilo que esqueceu ou recalçou, mas o expressa pela atuação. Ele atua (acting out) tudo aquilo que está recalçado, como por exemplo, traços patológicos, inibições e sintomas.

Um exemplo disso é quando o paciente não recorda de ter tido um determinado comportamento crítico e desafiador em relação aos seus pais, no entanto, comporta-se desta maneira crítica e desafiadora para com seu analista.

Freud irá dizer:

“(...) o paciente se submete à compulsão à repetição, que agora substitui o impulso de recordar, não apenas em sua atitude pessoal para com o médico, mas também em cada diferente atividade e relacionamento que podem ocupar sua vida na ocasião.”

Percebemos que o paciente não pode fugir dessa compulsão à repetição, pois essa é a sua maneira de recordar. Relacionando essa compulsão à repetição com a transferência, pode-se notar que esta última é ela própria, apenas um fragmento dessa repetição. E a repetição é uma transferência do passado esquecido não só para a figura do analista, mas também para todas as situações da vida atual do sujeito.

A resistência também é facilmente relacionada com a compulsão à repetição: quanto maior for a resistência ao trabalho analítico, mais extensamente será a repetição, a atuação. Essa repetição substituirá o recordar.

Se o paciente estabelece uma transferência positiva e branda, esta tornará possível a rememoração de certas lembranças recalçadas, possibilitando neste momento, uma diminuição ou até mesmo o desaparecimento de seus sintomas. No entanto, à medida que a análise progride e a transferência se torna intensa e até mesmo hostil, precisando, de repressão a atuação toma o lugar do recordar.

O manejo da transferência é a principal técnica do psicanalista, para tentar evitar a compulsão à repetição do paciente e possibilitar que este recorde seus conteúdos recalçados.

Entende-se que a transferência recobre todo o processo analítico e que nele se produz uma nova neurose, a neurose de transferência, que é a doença artificial da psicanálise. É uma região intermediária entre a vida real e a doença, onde se dá um novo significado a todos os sintomas, possibilitando, assim, a elaboração.

A psicanálise sofreu grandes alterações em sua técnica desde os primórdios. Sua fase inicial, a da catarse de Breuer, consistia em o sujeito focalizar o sintoma e “eliminar seus efeitos patogênicos e então ab-reagi-los, revivendo os acontecimentos traumáticos a que eles estão ligados.”

Após o abandono desse método, a tarefa transformou-se em descobrir, através da associação livre, o que o paciente deixava de recordar. Desenvolveu-se, então, a técnica sistemática que hoje é utilizada:

“O analista abandona a tentativa de colocar em foco um momento ou problema específico. Contenta-se em estudar tudo o que se ache presente, de momento, na superfície da mente do paciente e emprega a arte da interpretação principalmente para identificar as resistências que lá aparecem e torná-las consciente ao paciente”.

1.4. O CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA EM OBSERVAÇÕES SOBRE O AMOR TRANFERENCIAL

Neste artigo, Freud aponta o manejo da transferência como sendo a única dificuldade realmente séria que o analista tem que enfrentar.

Tomemos o caso em que a paciente demonstra enamorada pelo seu analista. A princípio, para um leigo, existem apenas dois desfechos possíveis. Um, é que seja permitido uma união legal, o que raramente acontece, o outro é que o paciente e analista se separem e abandonem o tratamento.

Consideremos o segundo desfecho, o qual a paciente abandona o tratamento. Numa ocasião posterior ela sentirá necessidade, de acordo com seu estado, de fazer uma segunda tentativa de análise. O que acontece é que a paciente encontra-se enamorada pelo seu novo analista. O mesmo acontecerá com o terceiro analista e assim sucessivamente.

Este fenômeno que ocorre constantemente e é um dos fundamentos da psicanálise pode ser avaliado a partir de dois pontos de vistas: o do analista e o da paciente.

Para o analista, o fenômeno indica uma advertência útil e valiosa para qualquer tendência a uma contratransferência que possa existir em sua mente. Ele deve reconhecer que o enamoramento de sua paciente foi devido a artifícios da análise e não de seus atributos pessoais. Para a paciente, no entanto, há duas alternativas: abandonar o tratamento ou aceitar enamorar-se por seu analista.

Alguns analistas frequentemente preparam suas pacientes para o surgimento de uma transferência erótica. O que é uma atitude muito insensata, pois perde totalmente a espontaneidade do fenômeno e cria para si próprio, obstáculos difíceis de superar.

À primeira vista, não parece trazer nenhuma vantagem para o tratamento o fato da paciente enamorar-se pelo seu analista. Ela abandona seus sintomas, ou não lhes presta atenção. Perde toda a compreensão do tratamento e todo o interesse nele. E não falará de nada que não seja o seu amor e exigirá que ele seja retribuído.

Considera-se que tudo que interfira a continuação do tratamento seja trabalho da resistência. Neste caso não há dúvidas de que a irrupção de uma exigência de amor seja expressão da resistência.

Este fenômeno ocorre na ocasião em que se está tentando levar a paciente a recordar ou admitir algum fragmento particularmente aflitivo e pesadamente recalado da história de sua vida. Antes desta modificação porém, apresentavam-se sinais de uma transferência afetuosa, de uma notável compreensão interna (insight) e pareceu estar absorvida em seu amor.

Porém, este estado de enamoramento da paciente pelo seu analista que em um primeiro momento interfere na continuação do tratamento por meio da resistência é encarado por Adler como parte essencial de todo o processo análtico.

Uma pergunta indispensável que deve ser feita: Como o analista deve, então, comportar-se diante de uma transferência erótica a fim de não fracassar nesta situação?

Instigar a paciente a suprimir, renunciar ou sublimar suas pulsões, no momento em que ela admitiu sua transferência erótica, seria, não uma maneira analítica de lidar com eles, mas uma maneira insensata. Seria como se tivesse trazido o recalado à consciência, apenas para recalca-lo mais uma vez, uma atitude sem lógica.

Tampouco, o analista deve retribuir os sentimentos amorosos da paciente, pois a técnica da psicanálise exige do analista que ele negue à paciente que anseia se amor a satisfação que ela exige.

O analista, portanto, “deve permitir que a necessidade e anseio da paciente nela persistam a fim de poderem servir de forças que incitem a trabalhar e efetuar mudanças.”

Se, no entanto, o analista se comportasse diferentemente e retribuísse o amor da paciente, ela alcançaria o objetivo dela, mas ele nunca alcançaria o seu – o sucesso do tratamento.

“Se os avanços da paciente fossem retribuídos, isso constituiria grande triunfo para ela, mas uma derrota completa para o tratamento. Ela teria

alcançado sucesso naquilo por que todos os pacientes lutam na análise – teria êxito em atuar (acting out), em repetir na vida real o que deveria apenas ser lembrado, reproduzido como material psíquico e mantido dentro da esfera dos eventos psíquicos. No curso ulterior do relacionamento amoroso, ela expressaria todas as inibições e reações patológicas de sua vida erótica, sem que houvesse qualquer possibilidade de corrigi-las; e o episódio penoso terminaria em remorso e num grande fortalecimento de sua propensão à repressão. O relacionamento amoroso, em verdade, destrói a suscetibilidade da paciente à influencia do tratamento analítico. Uma combinação dos dois seria impossível”

“É, portanto, tão desastroso para a análise que o anseio da paciente por amor seja satisfeito, quanto que seja suprimido. O caminho que o analista deve seguir não é nenhum destes; é um caminho para o qual não existe modelo na vida real. Ele tem de tomar cuidado para não se afastar do amor transferencial, repeti-lo ou torná-lo desagradável para o paciente; mas deve de modo igualmente resoluto, reusar-lhe qualquer retribuição. Deve manter um firme domínio do amor transferencial, mas tratá-lo como algo irreal, como uma situação que se deve atravessar no tratamento e remontar às suas origens inconscientes e que pode ajudar a trazer tudo que se acha muito profundamente oculto na vida erótica da paciente para a sua consciência e, portanto, para debaixo de seu controle.”

Freud assinala ainda que a transferência é a fita do mesmo material do amor comum, mas que é um artifício, pois se refere inconscientemente a um objeto que se refere outro. O analista refere a uma imagem parental.

O amor transferencial compõe-se inteiramente de repetições e cópias de reações anteriores, inclusive infantis. O trabalho analítico visa, então, a desvendar a escolha infantil da paciente e as fantasias ao redor dela. Desta forma, não basta o analista prezar o amor, mas sim ter o manejo da transferência para que a paciente supere o princípio de prazer.

“Tem que prezar ainda a oportunidade de ajudar a sua paciente a passar por um estágio decisivo de sua vida. Ela tem de aprender com ele a superar o princípio de prazer, e abandonar uma satisfação que se ache à mão, mas que socialmente não é aceitável, talvez inteiramente incerta, mas que é psicologicamente e socialmente irrepreensível.”

2. CONCEITO DE TRANSFERENCIA EM LACAN

Foi em seu seminário de 1960-1961, 'A Transferência', que Lacan introduziu o desejo do psicanalista para estabelecer a verdade sobre o amor transferencial. Para essa demonstração ele vai à filosofia, ao 'Banquete' de Platão.

O Banquete é uma cerimônia com regras, uma espécie de rito, de concurso íntimo entre pessoas da elite, de jogo de sociedade. A realização de um tal simpósio refere-se a hábitos, costumes reais diversamente praticados conforme as localidades da Grécia e, digamos, ao nível cultural. O regulamento que ali se impõe, é que cada um, dê sua quota, sob forma de uma pequena contribuição, que consiste num discurso pautado, sobre algum tema específico. Estabeleceu-se a regra, no começo do banquete, que não se beberá demais.

Quando Aristóteles, um dos convivas, tem alguma observação a fazer, surge à entrada um grupo de pessoas completamente embriagadas: Alcibíades e seus companheiros.

Alcibíades é um homem excepcional, um nível de potência elevado, com penetração de espírito muito ativa tendo como o traço mais saliente, sua beleza. Seduz tanto por sua beleza física quanto por sua excepcional inteligência.

E ei-lo que chega ao banquete, esse concurso que reúne homens sábios sobre o qual se destacam os discursos sobre o amor. E Alcibíades conta a todos os vãos esforços que fez em sua juventude, no tempo em que Sócrates o amava, para levar este último para a cama.

Fica evidente que ele quis levar Sócrates a perder o controle, a manifestar sua perturbação, a ceder a convites corporais e a uma aproximação física. E isso é dito publicamente por um homem bêbado.

Lacan toma o Banquete como uma espécie de relato de sessões psicanalíticas. Com efeito, é de algo dessa ordem que se trata. À medida que progride o diálogo, e que se sucedem às contribuições dos diferentes participantes deste simpósio, acontece alguma coisa que é o espocar, o estalar sucessivo de cada um desses flashes pelo sucessor, e depois, no fim, o que nos é narrado como um fato bruto, até mesmo embaraçoso é a irrupção da vida ali dentro, a presença de Alcibíades. E cabe a nós compreender o sentido que há em seu discurso.

Segundo Platão, teríamos assim, uma espécie de gravação. Como não existia gravador, diremos que é uma gravação no cérebro – o modo de escuta das pessoas que participavam.

É a isso que Platão se refere quando nos apresenta o modo sob o qual chega o texto do Banquete. Ele o faz ser narrado por alguém que se chama Apoldoro. Fedro, um dos personagens, anuncia o tema do debate. O tema é o seguinte: de que serve ser sábio em amor? E sabemos que Sócrates não pretende ser sábio em nenhuma outra coisa.

Sócrates não põe o amor em lugar tão elevado. Ele não diz quase nada em seu nome. O que ele diz é que o amor não é coisa divina. Ele não o coloca muito alto, mas é isso que ele ama. Ele só ama, mesmo isso.

Quando se fala em amor, trata-se do amor grego. O amor grego é o amor dos belos rapazes – e nada mais. O amor grego nos permite retirar, na relação do amor, os dois parceiros do neutro. Trata-se daquela coisa pura que se exprime naturalmente do gênero masculino, e que permite inicialmente articular o que se passa no amor no nível deste par formado, respectivamente, pelo amante e pelo amado, o éraustes e o erômero.

Desta forma, numa época em que não existia experiência analítica como tal e o inconsciente era certamente a dimensão mais insuspeitada, aparece claramente o amante como sujeito do desejo e o amado como aquele que, nesse par, é o único a ter alguma coisa.

A questão é saber se aquilo que se possui tem relação, mesmo uma relação qualquer, com aquilo que ao outro, o sujeito do desejo, falta.

2.1. CONCEITO DE AGALMA

Lacan ao abordar o conceito de transferência, com base em o Banquete, apura o conceito de AGALMA, que quer dizer orçamento, enfeite. Mas não é tão simples assim, a noção de orçamento. De que, então, nos enfeitamos? Para que se enfeitar? E com o que?

O mais importante é o que está no interior. Agalma pode quer dizer enfeite ou orçamento, mas antes de tudo, quer dizer jóia, objeto precioso – algo que está no interior.

Alcibíades dizia que Sócrates era apaixonado por belos rapazes. Mas o fato de um ou outro ser belo não altera em nada, não lhe dá a menor importância, ao contrário, despreza-o a tal ponto que não se pode imaginar. E a verdade é que o objeto que ele persegue está articulado num ponto, em que não são apenas os bens exteriores, a riqueza, por exemplo, e que tampouco era qualquer dessas vantagens que pareciam proporcionar uma felicidade. O que se rejeitava era justamente aquilo de que se falava até então, os bens em geral.

Quando se fala de uma maneira mais ou menos apaixonada, sobre as relações entre sujeito e objeto, é porque põe sob o sujeito, algo diferente desse sujeito estrito, e sob o objeto também, colocam-se algo diferente sob ele.

“Se este objeto os apaixona é porque ali dentro, escondido nele, há objeto de desejo, agalma. É isso que dá o peso, a coisa pelo qual é interessante saber onde está ele, este famoso objeto, qual é a sua função, onde ele opera tanto na inter como na intra-subjeividade. Este objeto privilegiado do desejo culmina, para cada um, nessa fronteira, nesse ponto limite que é considerado como a metonímia do discurso inconsciente.”

Este objeto, o agalma, é sempre um objeto parcial. É importante ter em mente que, ao mesmo tempo em que este objeto é limitado e tão fugaz em sua figura, ele é o ponto principal da experiência analítica.

Situando o objeto parcial no desenvolvimento do discurso analítico, percebemos que, este objeto, agalma, o objeto a, objeto do desejo, já está ali de saída, antes de todo o desenvolvimento da dialética, como objeto do desejo.

2.2. A DIALÉTICA DO AMANTE E DO AMADO

A dialética do Banquete, nos permite introduzir como a base, o ponto crítico, a articulação essencial do problema do amor, a posição de érastès e do érômero, do amante e do amado.

“O problema do amor nos interessa na medida em que vai nos permitir compreender o que se passa na transferência – e, até certo ponto, por causa da transferência.”

“(…) A saber, qual a nossa relação com o ser de nosso paciente? Sabe-se bem, afinal, que é disso que se trata em análise. Nosso acesso a esse ser, será ou não o do amor?”

Existe no Banquete uma metáfora que Lacan pretende se servir:

“Com efeito, havia naquela época, ao que parece, imagens cujo exterior representava um sátiro ou um sileno e no interior, como nas bonecas russas, havia uma outra coisa, não sabemos direito o quê, mas certamente eram coisas preciosas. Pois bem, Alcibíades compara Sócrates a esses pequenos objetos. E para nós o que deve haver, que pode haver, o que é suposto haver, disso, na análise, é o que se aterá a nossa questão.”

Lacan tenta abordar o problema da relação do analisando ao analista, que se manifesta por esse fenômeno tão curioso da transferência, de maneira que o aproxime mais de perto e esconda o menos possível suas formas.

Partiremos de uma interrogação sobre aquilo que o fenômeno da transferência é considerado imitar o máximo, até mesmo chegando a confundir-se com ele: o amor. O paciente que vai ao encontro do analista, partindo da suposição de que ele não sabe o que tem – aí já está toda a implicação do inconsciente, do ‘ele não sabe’ fundamental. É por aí que se estabelece a ponte que pode ligar a psicanálise a toda tradição do conhecer-te a ti mesmo.

Este ‘ele não sabe’, trata-se daquilo que o sujeito tem, realmente, em si mesmo, do que ele demanda ser, e não apenas ter. Será a isso que o analista vai conduzir aquele que vai ao seu encontro?

Pelo menos à primeira vista, isto aparece como um paradoxo do que se apresenta como ponto de chegada, término da análise. Pois, no fim das contas, o que vai encontrar, no término, quem segue esse caminho não é outra coisa, além da falta.

No entanto, todo o desenvolvimento da análise é, essencialmente falando, a revelação deste algo, que se chama o Outro inconsciente.

Lacan apresenta esta concepção do ‘ele não sabe o que’ para mostrar a analogia entre esse desenvolvimento e a questão inicial, fundamental, do amor. Ele articula os dois termos, o Érastès, o amante, ou ainda Éron, aquele que ama e o Érômero, aquele que é amado.

O Érastès, o amante, é caracterizado, por todos os que dele se aproximam, essencialmente, por aquilo que lhe falta. No entanto, ele não sabe o que lhe falta, com aquele tom particular de “inciência” que é o inconsciente.

Por outro lado, o Érômero, o objeto amado, se situou sempre como aquele que sabe o que tem, o que tem de oculto, o que constitui sua atração. O que ele tem não é aquilo que, na relação de amor, é convocado não apenas a se revelar, mas tornar-se, a ser atualizado. Em suma o amado, ele também não sabe. Mas é de outra coisa que se trata – ele não sabe o que tem. Por tanto, o amado não sabe o que tem, e o amante não sabe o que lhe falta.

Entre esses dois termos, o amante e o amado, não existe, nenhuma coincidência. O que falta a um, não é o que existe, escondido, no outro. Aí está todo o problema do amor. Nesse fenômeno, não importa se o saiba ou não, encontra-se o dilaceramento, a discordância.

Ninguém, no entanto, precisa dialogar sobre o amor, basta que se esteja nele, basta amar para que se esteja nele, basta amar para ser presa desta hiância, dets discórdia.

Lacan nos esclarece esta questão, dando-nos uma fórmula que retoma o que já é indicado pela análise, do sentido na relação significante-significado. O amor como significante. O amor como uma metáfora, como substituição.

Quando a função Érastès, do amante, na medida em que ele é o sujeito da falta, substitui a função Érômero, o objeto amado, é que se produz a significação do amor.

2.3. ALCEBÍADES E SÓCRATES

O que provocou o amor de Alcibíades por Sócrates, foi a existência do Agalma neste último. A partir da entrada de Alcibíades à cena, houve uma mudança no tema, não é mais ao amor de que se vai tratar, mas sim de um outro. Convencionou-se que cada um, por sua vez, fará o elogio daquele que estiver à sua direita. O que vai estar em causa, então, é fazer o elogio do outro. O elogio do outro não substitui o elogio do amor, mas o próprio amor. E é justamente neste ponto do diálogo em que reside a passagem da metáfora.

O elogio de que se vai tratar, então, tem uma função simbólica. O que exprime, daquele que fala àquele de quem fala, tem com efeito, uma certa função de metáfora do amor. Desta forma, épinos, tem a função de falar bem de alguém.

Retomando ao Banquete, à cena em que Alcibíades em seu discurso se dirige a Sócrates, e ao que se vê, Sócrates responde: “O amor deste homem, Alcibíades, não é para mim coisa sem importância, diz, dirigindo-se a Agatão (...). Desde em que me enamorei dele – ele foi seu érastès – não me é mais permitido lançar um olhar sobre um belo rapaz, nem conversar com ninguém sem que ele fique enciumado e invejoso de mim, entregando-se a incríveis excessos. Tome cuidado, portanto, e proteja-me, diz ele a Agatão, pois, deste, igualmente, a mania e a fúria de amar são o que me atemoriza.”

Alcibíades refere um estado de possessão, o qual é produzido mediante as palavras de Sócrates.

“Quando nos acontece ouvir um orador, diz Alcibíades, isso somente nos causa um certo efeito. Ao contrário quando é você que se ouve, ou mesmo suas palavras relatadas por um outro, (...) fica perturbado, como que atingido por um golpe – somos possuídos por isso.”

É neste ponto em que Alcibíades considera que em Sócrates está esse tesouro, esse objeto indefinido e precioso que vai fixar sua determinação, depois de ter desencadeado o seu desejo.

“Visto que Alcibíades já sabe que de Sócrates, capturou o desejo, o que faz com que não esteja certo da complacência deste? Já que sabe que ele, Alcibíades, é para Sócrates, um amado, um érómero, porque precisa receber de Sócrates o sinal de um desejo? Deste desejo, Sócrates nunca fez mistérios em momentos passados. Este desejo é re-conhecido e portanto conhecido e logo, poderíamos pensar, já confessado. Então o que querem dizer essas manobras de sedução?”

O fato de Sócrates recusar-se a entrar no jogo do amor, está estreitamente ligado com o fato de que ele sabe. Ele sabe o que está em questão nas coisas do amor, isto é o que ele sabe. E é justamente porque ele sabe, que ele não ama.

Após Alcibíades manifestar seu desejo por Sócrates, mostrando o que ele realmente quer, Sócrates responde: “Em suma, você não é o ultimo dos idiotas, se é verdade que quer, justamente aquilo que possuo, se em mim existe esse poder, graças ao qual você se tornaria melhor. Sim, é isso, deve ter percebido algo em mim diferente, uma beleza de uma outra qualidade, uma beleza que difere de todas as outras.”

Sócrates ainda pede a Alcibíades, para que examine as coisas com mais cuidado para não se enganar, já que este “eu” nada é. O que Sócrates recusa neste momento à Alcibíades é a metáfora do amor.

A metáfora do amor seria satisfeita, na medida em que Sócrates se admitisse como amado. Mas é justamente porque Sócrates sabe que ele se recusa a ter sido érómeros, o desejável, aquele que é digno de ser amado.

O que faz com que Sócrates não ame? O que faz com que a metáfora do amor não possa se produzir? O que faz com que não haja a substituição do érómeros pelo érastès? A resposta para todas essas perguntas é que Sócrates, só pode recusar a isto porque para ele, nada há que seja amável nele. Sua essência é vazio, esse oco, essa Kénôsis – termo que é utilizado, posteriormente, na meditação neoplatônica – que representa a posição central de Sócrates.

A metáfora do amor realizada, seria aquilo que constitui o aparecimento de érastès no próprio lugar em que estava érômeros. Sócrates se coloca diante de Alcibíades, como incapaz de mostrar-lhe os sinais de seu desejo, pelo fato de recusar-se ter sido um objeto digno do desejo de Alcibíades – nem do desejo de qualquer outro.

O que distingue a posição de Sócrates com Alcibíades, é que este último é o homem do desejo. Então, porque ele quer ser amado? Na verdade, ele já o é, e sabe disso. O milagre do amor, é realizado nele, na medida em que se torna desejante. Quando seus desejo não conhecem limites, quando se engaja no campo referencial que é o campo do amor, Alcibíades, demonstra aí uma ausência de temor à castração. Deste modo, Alcibíades faz aqui, à Sócrates, uma cena feminina, mas que nem por isso deixa de ser Alcibíades.

2.4. SUJEITO SUPOSTO SABER

No artigo de 1940, ‘O Esboço da Psicanálise’, Freud diz: “O ego doente nos promete franquia total, isto é, promete colocar à nossa disposição tudo que sua auto percepção lhe fornecer. De nosso lado, asseguramos ao paciente a maior discricção e colocamos ao seu serviço nossa experiência na interpretação do material submetido ao inconsciente. O nosso saber compensa sua ignorância.(...) Este é o pacto que constitui toda a situação analítica.”

E Lacan dirá o seguinte: “Se é verdade que o nosso saber vem dar socorro a ignorância do paciente, nem por isso deixamos de estar também na ignorância, a medida que não sabemos qual constelação simbólica que mora no inconsciente do sujeito.”(1953).

O sujeito procura o analista com uma determinada queixa, que pode ser de inibição, de sintoma ou angustia.

O sintoma em ser escutado em análise é aquele que tem valor de mensagem, a qual Lacan articula na seguinte assertiva: “O sujeito recebe sua própria mensagem invertida no campo do Outro.”

Portanto, no sintoma analítico, existe trabalho do analista, uma enunciação presente no enunciado será desvelada pelo analista. Para que o sintoma tenha valor de mensagem a ser decifrada será preciso, que o sujeito se reconheça no seu sintoma. Só, então, este sintoma poderá constituir uma verdadeira demanda a qual será endereçada ao campo do Outro, lugar inicial do analista. Esta demanda retornará ao sujeito sob forma de pergunta: “Porque faço isso? Ou então, “O que o Outro quer de mim?”

Pela operação de alienação e separação ao desejo do Outro, vai emergir Sujeito e Outro como barrados, como faltantes. É uma operação de interseção, que tira um pedaço de cada uma das partes. O encontro dessas partes, constitui o objeto a.

A resposta do Outro é uma mensagem que retorna sobre o outro como resignificação do seu desejo, é sobre o termo enigmático “CheVuoi”. Que significa “Que Queres?” – cujo o retorno sobre o sujeito é trazido como “Que me queres?”.

Esta experiência do desejo é essencial pois quebra o incondicional da demanda e instaura uma dialética, na qual, o sujeito terá que situar seu próprio desejo. A medida que o sujeito questiona o desejo do Outro é sobre seu próprio desejo que se interroga. Este é o momento da demanda de análise em que o analista é posto no lugar de Sujeito suposto Saber, embora o analista saiba que ele não tem o saber demandado. Neste sentido ele deverá deslocar-se deste lugar de Sujeito suposto Saber e sua função será de causar desejo, causar o trabalho de análise. O Sujeito suposto Saber é o que permite que a análise aconteça, é o trabalho da transferência.

CONCLUSÃO

Freud abordou o conceito de transferência, pela primeira vez, em sua obra, apontando a transferência como um deslocamento nos termos da interpretação dos sonhos para os restos diurnos, como disfarce do desejo inconsciente. Ou seja, no Projeto para uma psicologia científica (1985) e na Interpretação dos Sonhos (1900). Mas será a partir do caso Dora (1905) que a transferência será articulada, como sendo o único instrumento essencial para o processo analítico, a sistematização deste conceito se dará a partir de então.

Apesar de a transferência ser a condição fundamental para que a análise ocorra, ela surge como grande resistência ao tratamento. Quando está estabelecida a transferência, a associação livre acontece. Mas quando o sujeito está para admitir algum fragmento, particularmente aflitivo e pesadamente reprimido de sua história, o analista se presentifica e cessa a associação livre.

A catexia libidinal do paciente recorrerá a protótipos, ligar-se-á a um dos clichês estereotípicos presentes no indivíduo. Isso acontecerá não só em sua vida normal, mas também em sua relação com o analista. O paciente irá transferir para o analista, alguma imago parental, que pode ser uma imago paterna, materna ou fraterna.

A transferência que favorece a associação livre é a transferência positiva de impulsos amáveis, que convém o analista apoiar. Já a transferência negativa, é vinculada ao ódio e é necessário proscrever, pois o sujeito para de associar livremente.

Freud também conceituou a transferência como sendo uma repetição. O paciente, primeiramente, não recorda daquilo que recalcou, mas expressa-o pela atuação. Ele atua para sua personalidade consciente tudo aquilo que está recalçado, como por exemplo, inibições, sintomas, traços patológicos. O paciente o reproduz não como uma lembrança, mas como uma repetição, sem naturalmente se dar conta de que está repetindo. Essa compulsão à repetição é a maneira que ele tem de recordar.

Fazendo uma articulação da compulsão à repetição com a resistência, percebemos que quando maior for a resistência ao trabalho analítico, maior será a repetição, a atuação.

Freud deixa claro que o manejo da transferência é, na realidade, a única dificuldade que o analista tem que enfrentar.

Lacan aborda o conceito de transferência a partir de um texto de filosofia, O Banquete, de Platão. Utiliza o conceito de *agalma*, que quer dizer enfeite ou orçamento, mas antes de tudo, quer dizer objeto precioso, algo que está no interior, objeto de desejo. Existe, então, dentro deste objeto de amor, algo escondido, o objeto *a*, a mola da experiência analítica.

Lacan com o conceito de Sujeito suposto Saber dentro de uma abordagem simbólica, procura desestabilizar os aspectos imaginários da transferência.

O sujeito procura o analista com uma queixa e o sintoma ao ser escutado em análise é aquele que tem valor de mensagem, a qual Lacan articula na seguinte assertiva: “O sujeito recebe sua própria mensagem invertida no campo do Outro.” Isso significa dizer que o sujeito não desvela seu próprio desejo, que o inconsciente só se presentifica pela intervenção do analista. Ao saber não sabido do inconsciente não se tem acesso direto, ou seja, a enunciação, a mensagem é trabalho do analista.

Haverá, assim, uma operação de alienação e separação ao desejo do Outro, vai emergir o sujeito e o Outro como barrados, como faltantes. Esta experiência do desejo é essencial pois quebra o incondicional da demanda e instaura uma dialética, na qual, o sujeito terá que situar seu próprio desejo. A medida que o sujeito questiona o desejo do Outro – pelo termo enigmático “Che Vuoi?”, que significa “Que queres?” – é sobre seu próprio desejo que se interroga. Este é o momento de demanda de análise, em que o analista é poso no lugar de Sujeito suposto Saber, embora o analista saiba que ele não tem o saber demandado. Neste sentido, ele deve deslocar-se deste lugar de Sujeito suposto Saber e sua função será de causar desejo, causar desejo de análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACAN, Jacques. “A Transferência”, Seminário 8. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997;

LAPLANCHE E PONTALIS. “Vocabulário de Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes Ed, 2004;

FREUD, Sigmund. “A Dinâmica da Transferência”, 1912. Obras completas, vol. XII. Rio de Janeiro: Ed Imago, 1969:

_____ “Projeto para uma Psicologia Científica”, 1895, in op cit vol. I;

_____ “Interpretação dos Sonhos”. 1900, in op cit vol. V;

_____ “Fragmentos da análise de um caso de histeria”, 1905, in op cit vol. VII;

_____ “Observações sobre o amor transferencial”, 1914, in op cit vol. XII;

_____ “Recordar, Repetir e Elaborar”, 1914, in op cit vol. XII;

_____ “Um esboço de Psicanálise”, 1940, in op cit vol. XXIII.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. “Dicionário de Psicanálise”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

PLATÃO. “O Banquete”. Rio de Janeiro: Difel, 2006.